

## MESTRES E DOUTORES SURDOS: UM ESTUDO SOBRE A CRESCENTE FORMAÇÃO ESPECIALIZADA DE PESSOAS SURDAS NO BRASIL

Deaf masters and doctors: a study on the growing specialized training of deaf people in Brazil

**Myrna Salerno Monteiro<sup>1</sup>**

### RESUMO

Este estudo tem a finalidade promover uma reflexão sobre como vem se desenvolvendo a inclusão de alunos surdos em universidades públicas e privadas em vários estados brasileiros. A partir da Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua das comunidades surdas, muitos surdos têm se ingressado pelo ensino superior e pela pós graduação, principalmente em áreas ligadas à Educação e à Letras-Libras. Por meio de uma pesquisa bibliográfica e de um estudo de caso, é feita uma análise de dados sobre a formação acadêmica de pessoas surdas. O levantamento quantitativo sobre a formação de mestres e doutores surdos em universidades do Brasil mostrou que

### ABSTRACT

This study has the purpose of promoting reflection on the development of the inclusion of deaf students in public and private universities in several Brazilian states. Based on the Law 10.436 from April 24, 2002, which recognizes the Brazilian Sign Language (Libras) as the language of deaf communities, many deaf people have entered higher education and post-graduate courses, mainly in areas related to Education and Libras. This process is analyzed through a bibliographical research and a case study, as well as data about the academic upbringing of

<sup>1</sup> Professora e Pesquisadora de Libras da Faculdade de Letras – UFRJ; mestre em Linguística da UFSC. myrna.salerno@letras.uffj.br.

houve um aumento do interesse dos surdos pelas áreas de tradução, linguística e educação a partir da implementação na UFSC, e posteriormente em outras universidades, de uma política linguística após o reconhecimento da Lei da Libras, abrindo portas também como espaço da educação de surdos. Com o crescimento da formação de mestres e doutores surdos, principalmente dedicados ao estudo de sua língua de forma mais sistemática, e ao aprofundamento do conhecimento em educação, outros surdos estão caminhando melhor preparados para o nível superior, tendo seus direitos a formação acadêmica respeitados e valorizados.

deaf people. The quantitative survey on the training of deaf masters and doctors in universities in Brazil showed that there was an increasing interest of the deaf in the areas of translation, linguistics and education, based on the implementation, in UFSC and later in other universities, of a linguistics policy after the recognition of the Libras Law, also opening doors for deaf people education. With the growth of training masters and deaf doctors mainly devoted to the study of their language more systematically, and the deepening of knowledge in education, other deaf people are walking better prepared to the higher level, having respected and valued academic training rights.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Política educacional; Libras; Linguística e tradução.

#### **KEYWORDS**

Educational policy; Libras; Linguistics and translation.

---

## **Introdução**

Durante muitos anos os surdos viveram à margem da sociedade e do processo de escolarização devido à falta de conhecimento e de estudos sobre a surdez. Com a conquista de direitos linguísticos, vieram estudos cada vez mais intensos proporcionando educação de melhor qualidade aos surdos, resultando em seu acesso a universidades. Essa conquista ocorreu a partir do reconhecimento da Libras (Lei da Libras nº 10436 de 24 de abril de 2002), da identidade e da cultura surda. Nos anos posteriores houve incentivo e apoio financeiro para contratação de professores de Libras e intérpretes em muitas universidades.

Com o avanço da escolarização dos surdos, principalmente com seu ingresso no ensino superior e na pós-graduação, passou-se a ter documentações

de fatos em relação à língua de sinais e registros do crescente do número de surdos que ingressaram na pós-graduação. Esses fatos não apenas favorecem o desenvolvimento pessoal de cada surdo, mas seus estudos também promovem a articulação de novas ideias e conquistas para o desenvolvimento do conhecimento sobre as questões relacionadas à Libras e à cultura surda.

O ingresso de surdos em cursos de pós-graduação (*stricto sensu*) é muito recente, e mostrou um caminho acadêmico para pesquisas que buscam a valorização da língua de sinais da comunidade surda. Com esse avanço acadêmico, muitos surdos já concluíram cursos de mestrado ou doutorado, ampliando o número de surdos com tais títulos em vários estados brasileiros.

Vivenciamos atualmente mudanças políticas, econômicas e socioculturais que se refletem no âmbito educacional. Nesse contexto, as abordagens e propostas educacionais para alunos surdos vêm se modificando e essa população tem o ensino superior como um grande desafio, tanto pela complexidade do ensino, comum a todos os alunos, quanto pelas situações geradas pela inclusão dos alunos, já que comumente são encontradas barreiras que dificultam tanto o acesso quanto a permanência desses alunos nas universidades.

O crescimento acadêmico dos surdos, impensável no passado, é hoje uma realidade. A ampliação do acesso foi uma conquista obtida graças à valorização de pesquisas sobre língua dos sinais e educação de surdos, à ampliação do número de intérpretes de Libras nas universidades, à procura de novos materiais didáticos, possibilitando que futuros acadêmicos tenham menor dificuldade no acesso.

A comunicação é um fator de grande importância na educação de todas as pessoas. Para uma pessoa surda, é um desafio importante, tanto na escola quanto nas relações sociais, devido a dificuldades na compreensão das explicações dos professores, ou também na compreensão de textos escritos em português. A presença dos intérpretes de Libras é de suma importância, porque por meio desse profissional o aluno terá acesso ao conteúdo e também poderá interagir e compartilhar conhecimentos com alunos e professores ouvintes.

O ingresso de surdos na pós-graduação promove a interação no meio acadêmico com os colegas ouvintes durante as aulas, amplia o contato com o português escrito e com materiais adaptados para a língua de sinais, o que reforça e estimula a natureza do surdo enquanto indivíduo bilíngue. Também é importante observar que a presença do aluno surdo em cursos como Tradução,

Linguística e Educação de Surdos contribui para a formação de ouvintes que cursam mestrado e doutorado nessas áreas, pela interação na convivência com os surdos.

O ingresso do surdo no ambiente acadêmico é de grande valia para seu desenvolvimento em termos linguísticos, educacionais e socioculturais.

Rosas (2015) fala em seu trabalho a respeito do ingresso dos surdos nas universidades, afirmando que:

A universidade, quando não abre suas portas para estes acadêmicos e para pesquisas envolvendo a Libras, nega o direito linguístico de uma vertente social que, apesar de presente cotidianamente na sociedade, ainda tem suas possibilidades negadas por preconceitos e pré-conceitos sociais. (ROSAS, 2015, p.08).

Desta forma, fica claro que a presença de surdos é importante não só para esta população, mas para toda a comunidade acadêmica, pois garante a pluralidade e a diversidade no ensino, reforçando a importância da inclusão, sendo uma proposta de modelo para toda a sociedade.

## 1. Trajetória da pesquisa

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa iniciada em 2013, quando foi elaborada uma proposta de investigação quantitativa sobre a produção acadêmica de pessoas surdas em programas de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. Em um primeiro momento, coletaram-se dados por meio de divulgação da pesquisa e solicitação aos surdos de informações sobre sua formação. Nessa coleta foram utilizadas mídias digitais, tais como *Facebook* e e-mails. No início, este trabalho contou com a colaboração de Carolina Pego. Mais tarde, a Dra. Ana Regina Campello, da FENEIS, contribuiu para consulta, fornecendo e-mails de alguns surdos que não constavam nas fichas coletadas anteriormente.

Com esta pesquisa foi possível analisar vários dados numéricos e pudemos perceber como estão sendo ampliadas a educação e as oportunidades de inserção dos surdos em boas universidades do país. Também foi possível verificar em que regiões e em que áreas de estudo ainda há uma maior dificuldade. Assim, este estudo poderá contribuir para uma melhora nas condições de estudo e aprendizagem dos surdos.

Acredita-se também que, com os dados coletados, possa-se iniciar um banco de dados útil para estudos futuros.

## 2. Breve histórico da educação de surdos

A luta por direitos à educação de boa qualidade e respeito linguístico não é recente. Existe um percurso de batalhas e de conquistas que precedem o atual quadro, desde o reconhecimento a língua de sinais como língua natural do surdo, por meio da Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Não se trata apenas de um reconhecimento linguístico, mas também da conquista de novos caminhos socioeducativos para o surdo.

Entretanto, como em toda caminhada, a trajetória do surdo não foi e não é fácil. O que pode ser observado até o momento é uma tarefa muito difícil dentro da perspectiva da educação bilíngue, e até mesmo linguistas da área da Língua Brasileira de Sinais não acreditavam, por subjetividade, que os surdos alcançariam o mesmo patamar que os não-surdos.

Como concorda a autora Botelho (2002, p. 26):

O estigma e o preconceito fazem parte do nosso mundo mental e atitudinal, tendo em vista que pertencemos a categorias – mulheres, negros, analfabetos, políticos, professores, judeus, velhos, repentes na escola, pós-graduados, estrangeiros, desempregados que são recebidas com pouca ou muita ressalva por um grupo determinado. Não importa a qual grupo pertença, mas sim a qual quer pertencer, e é direito de cada indivíduo escolher o lugar na sociedade a que melhor se adapte. (BOTELHO, 2002, p. 26).

Este preconceito fez com que muitos acreditassem não ser possível atingir o sucesso da escolaridade do surdo no nível superior e acadêmico. Entretanto, os surdos buscaram meios de superar dificuldades e conquistar seu lugar na sociedade como sujeitos capazes e com os mesmos direitos que os ouvintes.

Pensar na educação de surdos em nível superior há alguns anos seria julgado uma utopia e alcançar uma titulação de mestre ou doutor era algo distante da realidade educacional do surdo.

Antigamente, poucos surdos conseguiam concluir a graduação, menos ainda a pós-graduação. O primeiro surdo com título de doutor foi Wilson de Oliveira Miranda, em 2001, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Posteriormente mais duas pessoas, Gladis Teresinha Taschetto Perlin e Marianne Rossi Stumpf, iniciaram seus estudos na UFRGS e depois se transferiram para a UFSC, concluindo seus doutorados respectivamente em 2003 e 2005.

Concordamos com as palavras dos autores Duschatsky e Skliar:

Será impossível a tarefa de educar na diferença? Felizmente, é impossível educar se acreditamos que isto implica formatar por completo a alteridade, ou regular sem resistência alguma, o pensamento, a língua e a sensibilidade. Porém, parece atraente, pelo menos não para poucos, imaginar o ato de educar como uma colocação, à disposição do outro, de tudo aquilo que lhe possibilite ser distinto do que é, em algum aspecto. Uma educação que aposte transitar por um itinerário plural e criativo, sem regras rígidas que definam os horizontes de possibilidade. (DUSCHATSKY; SKLIAR, 2001, p. 137).

No passado, muitos pesquisadores na área de Educação defendiam o oralismo e/ou comunicação total em artigos, teses e dissertações, e não acreditavam na capacidade dos surdos de darem continuidade à vida acadêmica a ponto de fazerem mestrado e doutorado. Por exemplo, a Doutora Alpha Couto Lenzi defende o oralismo em “Como posso falar: aprendizagem da linguagem da língua portuguesa pelo deficiente auditivo, 1988. Marta Ciccone defende a comunicação total em “Comunicação total: Introdução estratégia a pessoa surda”, 1990. É importante ressaltar que essas pessoas eram ouvintes. Vale mencionar que mesmo antes da Libras ser reconhecida como língua já haviam estudos e pesquisas sobre esta língua, embora muitas vezes não houvessem registros.

Em 1993, a Dra Lucinda Ferreira Brito, pioneira em bilinguismo, se destacou com o livro intitulado “Integração social e educação de surdos”. Além disto, organizou o III Congresso Latino-Americano de Bilinguismo (Língua Oral/Língua de Sinais) para Surdos no Rio de Janeiro.

Depois de anos de luta, foi reconhecida a Língua Brasileira de Sinais – Libras, por meio da lei 10.436/2002.

Art. 1º – É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras – a forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002).

O Decreto Lei 5626 de 22 de dezembro de 2005 regulamentou a lei anterior e também determinou a inclusão de Libras como disciplina obrigatória nos currículos dos cursos de formação de professores e nos cursos de fonoaudiologia. Este fato gerou a necessidade de professores e tradutores da Língua Brasileira de Sinais, o que incentivou a criação dos cursos de graduação de

professores de Libras. O governo brasileiro, através da Secretaria de Educação Especial a Distância do MEC, liberou recursos financeiros para a criação, desenvolvimento e implementação de curso a distância de Licenciatura em Letras na especialidade Libras.

Os surdos conquistaram um espaço importante no que se refere à sua educação e ao aperfeiçoamento dos profissionais envolvidos com sua comunidade.

A partir de 2006, a UFSC criou o primeiro curso de Letras-Libras no Brasil na modalidade a distância, o primeiro curso EAD voltado para as pessoas surdas, somente para a habilitação em licenciatura. Contou com nove polos espalhados pelo Brasil. Cada instituição disponibilizou 55 vagas, exceto a própria UFSC, que abriu 60 vagas.

Esse curso foi direcionado para o público surdo a fim de formar professores para atuarem no ensino da língua de sinais como primeira língua. Dos 500 alunos que iniciaram o curso, 389 concluíram a licenciatura em Letras-Libras, segundo dados da UFSC.

Posteriormente, em 2008 a UFSC abriu outros cursos de licenciatura e bacharelado a distância, em 15 polos: foram abertas 900 vagas, 450 de bacharelado e 450 de licenciatura, sendo que 690 alunos concluíram o curso (378 bacharéis e 312 licenciados). O crescimento continuou e, em 2014, foram iniciados cursos em três novos polos, além dos já participantes, em três estados brasileiros: Maranhão, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

A UFSC foi a instituição que ofereceu melhores recursos e condições de ensino para o surdo estudar e pesquisar a Libras, sua primeira língua, contando com professores bilíngues e intérpretes de Libras para acompanhar as disciplinas nas salas de aula com colegas ouvintes, proporcionando condições para incentivar a pesquisa sobre cultura surda e ambiente adequado para a troca de ideias e discussões.

Ingressar em um curso de pós-graduação, especificamente em cursos de mestrado e doutorado, é para alguns somente parte de um caminho acadêmico; para outros, um complemento ou ainda uma atualização. Para os surdos, este ingresso significa romper barreiras e traçar caminhos, perspectivas e ideias em busca de conhecimento, de valorização da língua de sinais.

O avanço acadêmico da comunidade surda permitiu com que alguns conseguissem cursar o mestrado ou doutorado. Assim eles poderão dedicar-se a

pesquisas em prol do desenvolvimento e valorização da língua de sinais, da identidade e da cultura surda<sup>2</sup>, para conquistar reivindicações da comunidade surda.

Na política linguística, garante-se a presença de língua de sinais no meio acadêmico. Esses acadêmicos surdos trazem suas vivências como exemplos da prática da língua de sinais e da educação de surdos, entre outros temas, e podem, então, confrontar suas práticas com a teoria. As duas juntas trarão por consequência a ampliação de contextos ligados à valorização da língua de sinais, da educação dos surdos e de outros cotidianos vivenciados.

Portanto, o ingresso do surdo no ambiente acadêmico é fundamental para o desenvolvimento da pessoa surda em termos educacionais, linguísticos e socioculturais. Porém, possibilitar a participação de surdos no meio acadêmico não significa apenas abrir vagas no quadro de alunos, mas sim colocar em prática os necessários aspectos linguísticos e culturais relacionados a estes acadêmicos e assim, possibilitar a integração com os demais participantes.

Observa-se que o ouvinte muitas vezes não domina a língua de sinais usada pelo surdo e isso leva a uma dificuldade na comunicação, na interação e no convívio.

Ao entrar na pós-graduação, o surdo deseja adquirir conhecimentos e informações por meio da interação com o meio acadêmico, ampliar saberes, poder pesquisar e enriquecer a difusão de mais informações tanto entre outros surdos quanto na sociedade.

A trajetória educacional do surdo necessita que se incluam estratégias de ensino, um ambiente respectivo à língua de sinais, de interação, da presença de intérpretes de Libras e de profissionais capacitados a lecionar para o surdo respeitando sua língua e sua cultura.

Nas pesquisas e estudos em nível de mestrado e doutorado existentes nas universidades, os pesquisadores de pós-graduação investigam problemas sobre a educação de surdo, cultura, identidade, promovendo o desenvolvimento

---

<sup>2</sup> Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável, ajustando-os com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo. Descreve a pesquisadora surda: [...] As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural, também surge aquela luta política ou consciência oposicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que o tornam corpo menos habitável, da sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes, de menos valia social (PERLIN, 2004, p. 77-78).



da cidadania do surdo, da língua de sinais e o atendimento de necessidades do surdo, podendo assim criar uma proposta para melhor inserção no espaço da instituição e da sociedade geral.

#### **4. Metodologia**

Buscamos as coletas de dados acadêmicos por meio da divulgação e contato com surdos através do *Facebook* e de e-mails.

Elaboramos uma ficha com dados acadêmicos para ser preenchida por cada surdo. Nessa ficha consta o nome completo do surdo, naturalidade, a instituição onde se formou, o tema da dissertação ou tese, nome do orientador, área da formação, dia, mês e ano em que se iniciou e terminou o curso, a instituição em que trabalha e e-mail. Os dados apresentados em tabelas e gráficos se referem a mestres e doutores surdos que concluíram seus cursos até o final do ano de 2016 e preencheram a ficha até julho de 2017, quando foi finalizada a redação deste artigo.

Entretanto, é importante mencionar que esse levantamento é apenas uma parte inicial do projeto. Acredita-se que, uma vez tendo sido montado um banco de dados, outros pesquisadores poderão dar continuidade e desenvolver novas pesquisas que contribuirão para a melhoria da educação dos surdos em todos os níveis.

A partir da coleta dos dados, podem-se observar algumas questões. Primeiramente falaremos sobre as universidades que já concederam títulos de pós-graduação *stricto sensu* para surdos e sua disposição geográfica, a fim de analisar o crescimento desse acesso ao ensino superior pelo país.

#### **5. Resultados obtidos**

Levantamento das instituições formadoras

Nas tabelas 1 e 2 apresentamos as relações das instituições de ensino que formaram mestres e doutores surdos, por ordem alfabética e separadas por regiões. A primeira relação é das universidades públicas e a segunda, de universidades privadas. Nas quatro colunas à direita apresentamos o número de formados por essas instituições, separados em quatro categorias, a saber, doutorado de mulheres surdas – que, daqui em diante, iremos nos referir como Doutorado

Feminino (DF), doutorado de homens surdos – Doutorado Masculino (DM), Mestrado Feminino (MF), e Mestrado Masculino (MM).

UNIVERSIDADES PÚBLICAS		DF	DM	MF	MM
<b>Região Norte</b>					
UEPA	Universidade do Estado do Pará (PA)			1	
<b>Região Nordeste</b>					
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (RN)				1
UFBA	Universidade Federal da Bahia (BA)			1	
UFC	Universidade Federal do Ceará (CE)			1	
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco (PE)				2
UFS	Universidade Federal de Sergipe (SE)			1	
<b>Região Centro-Oeste</b>					
UFG	Universidade Federal de Goiás (GO)			1	
UFMS	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (MS)			1	
UFMT	Universidade Federal do Mato Grosso (MT)			1	
UnB	Universidade de Brasília (DF)		1	6	6
<b>Região Sudeste</b>					
UFES	Universidade Federal de Espírito Santo (ES)				2
UFF	Universidade Federal Fluminense (RJ)			3	1
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto (MG)			1	
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro (RJ)		1		
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos (SP)	1		1	
UFSJ	Universidade Federal de São João Del Rey (MG)			1	
UFU	Universidade Federal de Uberlândia (MG)	1			1
UNESP	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (SP)				1
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas (SP)			3	1
<b>Região Sul</b>					
FURG	Universidade Federal do Rio Grande (RS)				1
UFPel	Universidade Federal de Pelotas (RS)	1		1	2
UFPR	Universidade Federal do Paraná (PR)	1		1	
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (RS)	4	2	9	4
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina (SC)	6	2	21	21
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria (RS)			2	
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná (PR)			1	1
<b>Total de 26 universidades públicas</b>		<b>14</b>	<b>6</b>	<b>57</b>	<b>44</b>

**Tabela 1** – Universidades públicas

Fonte: Produção da autora

PRIVADAS		DF	DM	MF	MM
<b>Região Norte</b>					
UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco (PE)			1	1
UNIFOR	Universidade de Fortaleza (CE)			1	1
<b>Região Centro-Oeste</b>					
UCB	Universidade Católica de Brasília (DF)				1
UCDB	Universidade Católica Dom Bosco (DF)				1
<b>Região Centro-Oeste</b>					
UCB	Universidade Católica de Brasília (DF)				1
UCDB	Universidade Católica Dom Bosco (DF)				1
<b>Região Sudeste</b>					
CESGRANRIO	Fundação CesGranRio (RJ)				1
EAESP	Escola de Administração de Empresas de São Paulo (SP)			1	
ISEP	Instituto Superior de Estudos Pedagógicos (RJ)				1
PUC Minas	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (MG)			2	
UAM	Universidade Anhembi – Morumbi (SP)			1	
UMC	Universidade de Mogi das Cruzes (SP)			1	
UNIAN	Universidade Anhanguera de São Paulo (SP)				1
UNIBAN	Universidade Bandeirantes de São Paulo				1
UNIMEP	Universidade Metodista de Piracicaba (SP)			2	
UNINOVE	Universidade Nove de Julho (SP)				1
UNISO	Universidade de Sorocaba (SP)			1	
<b>Região Sul</b>					
UNI	Universidade Federal do Rio Grande (RS)				1
LASALLE	Centro Universitário La Salle (RS)				1
UNISC	Universidade de Santa Cruz do Sul (RS)			1	
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos (RS)		1		4
<b>Total de 19 universidades particulares</b>		<b>0</b>	<b>1</b>	<b>12</b>	<b>14</b>

**Tabela 2** – Instituições privadas

Fonte: Produção da autora

Universidades públicas	Feminino	Masculino	Total
Região Sudeste	2	1	3
Região Sul	12	4	16
Centro-Oeste	0	1	1
Universidades privadas			
Região Sul	0	1	1
<b>Total</b>	<b>14</b>	<b>7</b>	<b>21</b>

**Tabela 3** – Total de surdos que concluíram o doutorado, separados por regiões  
Fonte: Produção da autora

Universidades públicas	Feminino	Masculino	Total
Região Sudeste	09	6	15
Região Sul	35	29	64
Demais Regiões	13	9	22
Universidades privadas			
Região Sudeste	8	5	13
Região Sul	2	5	7
Demais Regiões	2	4	6
<b>Total</b>	<b>69</b>	<b>58</b>	<b>127</b>

**Tabela 4** – Total de surdos que concluíram o mestrado, separados por regiões  
Fonte: Produção da autora

	Feminino	Masculino	Total
Linguística	2	3	5
Educação	12	3	15
Outras áreas	0	1	1
<b>Total</b>	<b>14</b>	<b>7</b>	<b>21</b>

**Tabela 5** – Total de surdos que concluíram doutorado, por área de estudo  
Fonte: Produção da autora

	Feminino	Masculino	Total
Tradução	7	8	15
Linguística	15	18	33
Educação	39	24	63
Outras áreas	8	8	16
<b>Total</b>	<b>69</b>	<b>58</b>	<b>127</b>

**Tabela 6** – Total de surdos que concluíram mestrado, por área de estudo

Fonte: Produção da autora

Além dos dados contidos nas tabelas acima, constatamos que a *duração média* dos mestrados foi de 27 meses para as mulheres e 28 para os homens. A duração média dos doutorados foi de 44 para as mulheres e 54 para os homens.

Os *primeiros mestrados* de pessoas surdas foram na área de Educação, pela UFRGS. A primeira mulher surda a se tornar mestre foi Gladis Perlin, em 1998, e o primeiro homem surdo a concluir o mestrado foi Wilson de Oliveira Miranda, em 2001.

Essas mesmas pessoas foram também os primeiros surdos a conquistar o doutorado, na área de Educação, sendo que Gladis Perlin concluiu seu doutorado em 2003 e Wilson de Oliveira Miranda, em 2007. Ambos os títulos foram obtidos na UFRGS.

Após do decreto lei nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 houve um crescimento do número de surdos formados principalmente nas áreas de Linguística, Tradução e Educação. A quantidade de surdos formados em outras áreas é ainda pequena, o que talvez esteja ligado ao fato das áreas acima citadas possuírem melhor estrutura para acolher e promover a permanência de alunos surdos.

Nosso levantamento também registrou o fato de que três mulheres surdas fizeram 1 ano de *pós-Doutorado*, entre 2012 e 2014, na área de Educação, na Região Sul do Brasil.

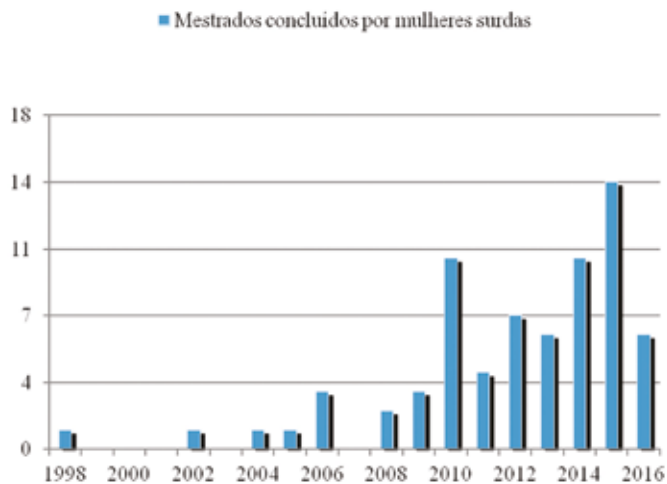
Cabe destacar o resultado obtido na região Sul, fruto dos trabalhos desenvolvidos na UFSC e na UFRGS que contam com fortíssimos programas de pós-graduação em ênfase em surdez e identidade surda.

## 6. Variação das quantidades de mestrado e doutorado ao longo dos últimos anos

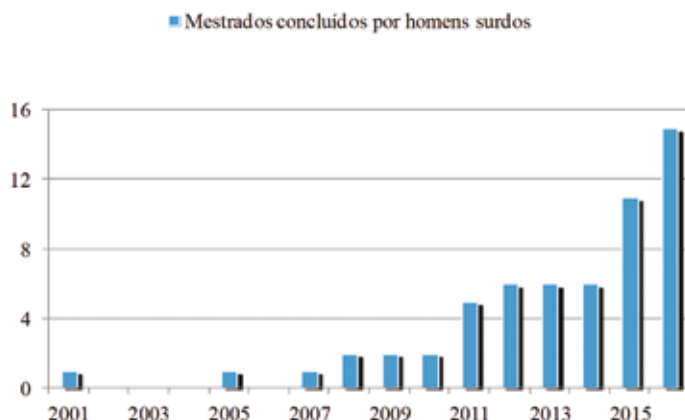
A tabela 7 apresenta o número de doutorados concluídos em cada ano, e os gráficos 1 e 2 mostram de forma bastante clara o crescimento da quantidade de mestrados concluídos por brasileiros surdos ao longo dos últimos 20 anos.

Ano	Doutorado Feminino	Doutorado Masculino	Ano	Doutorado Feminino	Doutorado Masculino
2003	1		2010	1	
2004			2011	1	
2005	1		2012		
2006			2013	1	1
2007		1	2014		
2008	2	1	2015	3	2
2009			2016	4	2
			<b>Total</b>	<b>14</b>	<b>7</b>

**Tabela 7** – Número de doutorados concluídos em cada ano, entre 2003 e 2016



**Gráfico 1** – Número de mestrados concluídos por mulheres surdas no Brasil em cada ano entre 1998 e 2016



**Gráfico 2** – Número de mestrados concluídos por homens surdos no Brasil em cada ano entre 2001 e 2016

Percebe-se que a quantidade de surdos com títulos de Mestrado e Doutorado *scrito sensu* foi aumentando gradativamente ao longo dos anos, demonstrando o aumento do interesse dos surdos em ingressarem na pós-graduação, que provavelmente tem ligação com as melhorias nas universidades em termos de acessibilidade às pessoas surdas, que permitem não apenas um acesso de forma cada vez mais justa em cursos de graduação, mas também a permanência dos alunos surdos nos cursos de pós-graduação.

## 7. Considerações finais

Neste artigo, a proposta foi obter a quantidade dos surdos com Mestrado e Doutorado nas principais áreas de conhecimento e verificamos que a maioria concentra em Educação, Tradução e Linguística.

Percebemos que o número de mestrados dos surdos tanto do sexo feminino quanto masculino aumentou muito na última década. O número dos doutorados ainda é pequeno, mas já é um grande progresso, visto que o primeiro foi conquistado em 2003.

Acreditamos que o conhecimento adquirido por meio dos estudos sobre a educação de surdos e sobre a Libras, bem como o conhecimento sobre as questões relacionadas à permanência de surdos em instituições de ensino superior e oportunidade de opção do Surdo de querer ingressar em cursos de sua escolha, possam proporcionar melhores condições de educação dos surdos jovens.

Sabemos que não é fácil romper barreiras. Resistências sempre vão aparecer, mas o avanço acadêmico para cursar o mestrado e doutorado, dedicando-se a pesquisas de Libras colaboram grandemente para que o conhecimento supere os preconceitos e a sociedade fique mais aberta para compreender e aceitar as mudanças necessárias.

De acordo com os dados coletados na pesquisa, os surdos começaram a ser aceitos e mostraram estar plenamente capacitados para cursarem universidades públicas e privadas, tanto em cursos de graduação quanto de pós-graduação.

## REFERÊNCIAS

- BOTELHO, P. *Linguagem e letramento na educação dos surdos: ideologias e práticas pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, DF. Disponível em: <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/96150/decreto-5626-05>. Acesso em: 20 abr. 2017.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*. Dispõe sobre o reconhecimento da Língua de Sinais Brasileira como língua natural de uma pessoa surda. Brasília, DF. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm). Acesso em: 20 abr. 2017.
- BRASIL. *Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em: 20 abr. 2017.
- BRITO, L. *Por uma gramática da Língua de Sinais*. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.
- CICCONE, M. *Comunicação total: Introdução estratégia a pessoa surda*. Rio de Janeiro: Editora Cultura Médica, 1990.
- DUSCHATZKY, S.; SKLIAR, C. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, J.; SKLIAR, C. (Orgs.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 119-137.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 abr. 2017.
- MIRANDA, W. *Comunidade dos surdos: olhares sobre os contatos culturais*. 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- PERLIN, G. *O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade*. 2003. Dissertação (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



ROSAS, E. F. Ingresso e interação dos alunos surdos na pós-graduação. 6º SBECE 3º SIECE – EDUCAÇÃO, TRANSGRESSÕES, NARCISISMO. *Anais Eletrônicos*, Bianual, 2015.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora da UFSC, SC. 2008.

STUMPF, M. *Aprendizagem da escrita de língua de sinais pelo sistema Sign Writing: língua de sinais no papel e no computador*. 2005. Dissertação (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

